

Falar, ouvir, memorizar, transmitir

Antes da invenção da escrita, o ensino da língua, usos e costumes de um povo era essencialmente por via da oralidade. Da mesma forma, a transmissão das suas história e cultura de uma geração para outra.

Mas não precisamos ir tão longe no tempo para ter exemplos concretos da importância da oralidade. Aqui mesmo, entre nossos indígenas, é ela ainda o principal meio de preservação do idioma, dos rituais, enfim, do arcabouço sociocultural de cada um de seus povos.

Nesta 14ª edição de J&Cia Memória da Cultura Popular, Assis Ângelo aborda esse fenômeno principalmente por seus efeitos na música e na literatura infantil, resgatando do acervo do seu Instituto Memória Brasil um texto que publicou sobre o tema em 2007 na revista Presente!, do Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica de Salvador, e que complementa com novas e ricas informações sobre a importância das histórias de ouvir-dizer.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Barancelli



Oralidade – ontem, hoje e sempre

Por Assis Ângelo - Fotos e reproduções fotográficas de Clarissa de Assis

Quando falamos de oralidade, de imediato nos vem fortuitamente à mente a lembrança dos contos e histórias infantis, de fadas, de bruxas, recolhidos da memória popular da França do século 17 por Charles Perrault (1628-1703).

Lembramos também das fábulas anotadas das narrativas populares dos intrépidos irmãos Grimm – Jacob e Wilhelm – um século depois, na Alemanha.

E ainda das fábulas, dos tempos que se dizia haver bichos falantes.

O riquíssimo balaio de encantamento infantil nos chegou ao conhecimento por meio de aplicados professores – quando ainda havia aplicados professores nas escolas – e dos pais e avós que nos descontraíam com histórias e brincadeiras para melhor nos formar para a vida.

Perrault nos legou O Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida e Cinderela.

Ele entrou para a história como o Pai da Literatura Infantil.

Os Grimm ficaram famosos por histórias que também ganharam moradia no imaginário popular, como João e Maria, Rapunzel, Branca de Neve e A Gata Borralheira, entre tantas outras de encantamento, belíssimas.

Além de Perrault e dos irmãos Grimm, lembramos também de Andersen (1805-1875), com seus contos inesquecíveis O Rouxinol, O Pinheirinho, A Menina dos Fósforos, João Grande e João Pequeno e O Soldadinho de Chumbo, traduzidos por

Monteiro Lobato; e de Jean de La Fontaine (1621-1695) com suas fábulas incríveis, entre as quais A Cigarra e a Formiga, A Raposa e as Uvas e O Lobo e o Cordeiro, entre outras lançadas em línguas diversas mundo a fora, inclusive no Brasil.

O Lobo e o Cordeiro ganhou no Brasil uma versão curiosa de Juó Bananére em 1931, gravada em disco de 78 RPM: U Lobo i u Gorderigno (Columbia; nº 22.034, matriz nº 381030, lado A).



Fábulas de La Fontaine

Para constar: no acervo do IMB há um exemplar de *Fábulas de La Fontaine* em dois tomos muito bem conservados, editados em português na capital francesa em 1886, com ilustrações irretocáveis de Gustavo Doré e estudos críticos objetivos e sucintos assinados por Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga.

Já no primeiro parágrafo do seu ensaio, escreve Pinheiro Chagas:

O que faz o supremo encanto em La Fontaine como fabulista, o que constitui a sua imensa superioridade sobre todos os que antes e depois d'ele trataram este mesmo gênero, não é decerto a originalidade, porque raríssimas serão as fábulas cuja idéia ele não houvesse encontrado em Esopo e Phedro, nos fabulários da meia idade, ou nos contos italianos; não também a beleza excepcional do estilo, nem a pureza da metrificacão bastante desleixada às vezes. O que constitui o seu encanto supremo é a vida potente que ele sabe dar a todos esses animais que se movem no imenso tablado da natureza, que

falam a linguagem que ele lhes empresta, obedecendo a paixões que ele lhes atribui. É que os seus personagens têm a um tempo a verdade humana e a verdade zoológica (...) La Fontaine escreveu verdadeiramente a Comédia humana dos animais...

Mas ao falarmos de oralidade não estamos apenas levando a nossa mente aos nomes aqui citados.

Oralidade é mais, muito mais, embora os nossos preguiçosos filólogos não tenham atentado para isso e nem, até agora, composto um verbete sequer à altura da importância que o tema representa.

Muito antes de o homem aprender a ler, ele aprendeu a falar. E ao fazer isso, ele registrava na memória tudo o que via e ouvia.

Muita coisa que ele guardou na memória, ele próprio levou à pedra; e o que ele levou à pedra, ficou para sempre.

Mas nem tudo ficou registrado na pedra. Eram aqueles tempos peculiares, em

que os homens mais velhos – n'algumas culturas chamados de "antigos" – se faziam respeitados por acumular muita informação e sabedoria.

E por saberem tanto sobre tanta coisa que viam e ouviam eram chamados de sábios e por essa razão eram convidados a opinar sobre tudo, em prol da coletividade.

E eles não se faziam de rogados e transmitiam e retransmitiam tudo o que apreendiam.

E foi desse modo que o mundo moderno pode reconstituir civilizações e culturas inteiras. Isto é: de fala em fala, de conto em conto...

Tudo isso é muito importante, sem dúvida alguma.

Mas lembrar de Charles Perrault, dos Grimm, de Andersen e de La Fontaine é saudável e sempre importante, principalmente nestes loucos tempos em que vivemos, quando "sabedoria" não é mais sabedoria, é negócio, produto de consu-

mo e como tal transmitida – e vendida – pela televisão em programas dirigidos a sádicos, masoquistas, *voyeurs* e outras tribos que seguem cegamente *BBBs* e *Fazendas* da vida.

Logo que descobriram a importância das histórias infantis tradicionais – incluindo as cantigas de roda –, as indústrias cinematográfica e fonográfica passaram a produzir filmes e discos em série no mundo todo, adaptando os textos de Perrault e dos irmãos Grimm e de outros autores,

incluindo, no Brasil, Monteiro Lobato com seus tantos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo.

As séries *Rondes et Chansons de France* e *Contes Catalans*, por exemplo – a primeira lançada na França, em 1955; e a segunda na Espanha, em 1958 – são primorosas sob todos os aspectos, como primorosa é a série brasileira *Disquinho*, criada pelo compositor Braguinha (Carlos Alberto Ferreira Braga, 1907-2006) em 1960, quando ele dirigia a extinta gravadora Continental.

Os disquinhos da série eram coloridos, tinham as histórias refeitas na maioria pelo próprio Braguinha, direção musical caprichada, apresentada sob a batuta mágica do maestro-arranjador Radamés Gnattali, narração de Sônia Barreto e atores profissionais a postos e definidos dando vida aos personagens.

Outras gravadoras, como Odeon e Copacabana; e selos fonográficos como Sacy, Mirim e Christi, seguiram o exemplo da Continental.



Narração de Bibi Ferreira

Até a atriz Bibi Ferreira chegou a narrar contos infantis em discos da fase dos discos de 78 RPM.

O mesmo fez a cantora paulistana Inezita Barroso, só que em discos (compactos) de vinil.

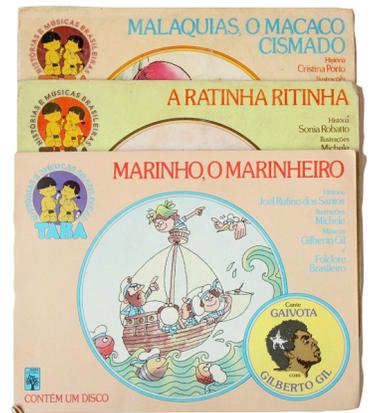
O ator Mário Lago também interpretou personagens de histórias infantis, como Geppetto (de Pinocchio) e Gulliver (no País dos Pigmeus) em gravações para um LP da RCA Victor, sob a direção do compositor Lourival Faissal, que, aliás, foi o narrador de Branca de Neve e os Sete Anões noutra gravação para a mesma Victor.

Até cantores como Gilberto Gil e Tom Zé, e apresentadores como Sílvio Santos e Ronaldo Batista, entraram na onda.

Tom Zé chegou a fazer arranjos para músicas infantis e a dirigir a produção de disquinhos da série *Taba*, para a Abril Cultural, em 1982.



A revista *Pais&Filhos*, em parceria com a extinta Companhia Brasileira de Discos, também criou uma série infantil especial, na qual incluiu títulos como *Gato de Botas*, *A Bela Adormecida*, *O Flautista de Hamelin*, *Simbad o Marujo*, *O Ladrão de Bagdad*, entre outros. O detalhe nessa série é a presença do compositor e cantor Paulo Marquez.



Narração de Inezita Barroso

Mas essa bela festa acabou. Também da tradição oral muitas histórias têm sido aproveitadas pelos poetas de bancada, aqueles que produzem com o fito de publicar em folhetos de feira ou de cordel, também chamados de cordelistas.

Há muitas histórias tradicionais adaptadas para o formato folheto, como *Donzela Teodora*, *Roberto do Diabo*, *Princesa Magalona*, *Imperatriz Porcina* e *João de Calais*, reunidas em *Cinco Livros do Povo*, *Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil* (Livraria José Olympio Editora; 1953), de Luís da Câmara Cascudo.

Essas e outras histórias, como a do ciclo junino, com suas graças e crenças, já atravessaram séculos e mares; e junto com elas as tradições, as contradições, desencontros, dúvidas e polêmicas, como a que ainda perdura sobre se a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero, foram ou não extraídas do repertório oral e anônimo.

Histórias como essas, e também as cantigas populares, continuarão a existir pela via oral e pelos meios midiáticos de hoje e de amanhã, que virão.

Quem viver verá.



Você sabia?

Que o acervo do Instituto Memória Brasil preserva mais de 150 mil itens?

Que no acervo do Instituto Memória Brasil há mais de dez mil partituras?

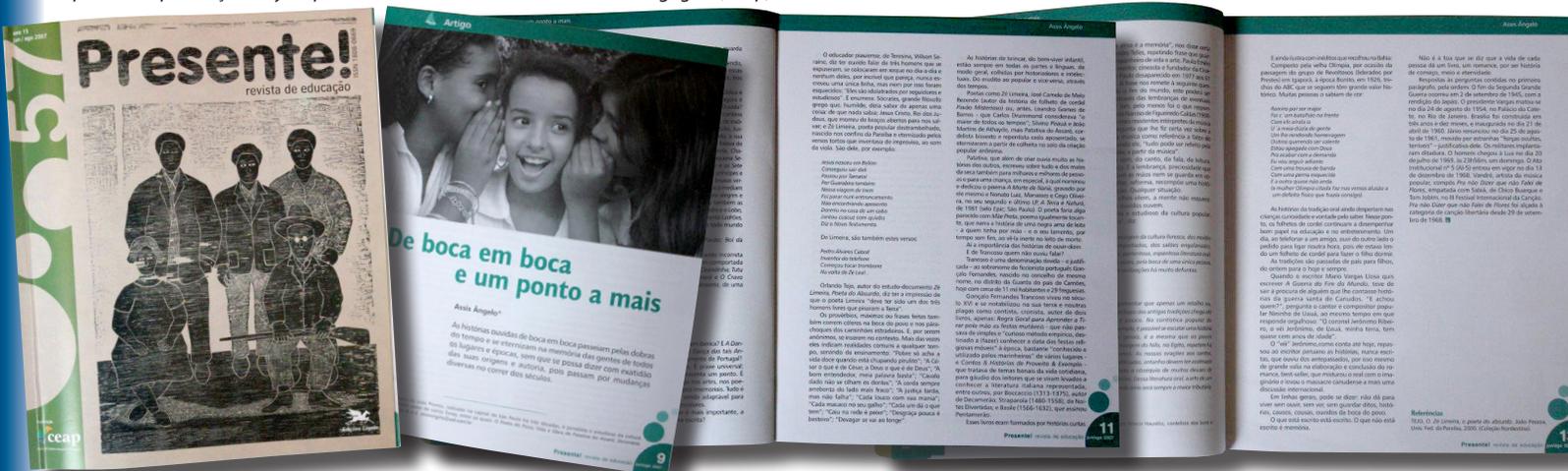
Que o presidente do IMB acaba de ser premiado com o Troféu Gonzagão?

Que o CD *O Samba do Rei do Baião* é o primeiro com a marca IMB?



De boca em boca e um ponto a mais

Íntegra do texto original publicado na Presente!, Revista de Educação (junho/agosto 2007 – Salvador/BA), produzida por Edições Loyola para o Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica (Ceap)



As histórias ouvidas de boca em boca passeiam pelas dobras do tempo e se eternizam na memória das gentes de todos os lugares e épocas, sem que se possa dizer com exatidão das suas origens e autoria, pois passam por mudanças diversas no correr dos séculos

Acompanhe-me, não cansarei você. Mas, antes, farei perguntas para mexer um pouco com a sua memória e saber como ela vai nestes tempos bicudos de tiros cruzados e balas ao léu, corrupção palaciana, programas on-line e outros que tais, com direito até "a tudo por dinheiro", como o apresentado aos domingos pelo filósofo-biscateiro Silvio Santos. Então, depressa: Quando terminou a Segunda Grande Guerra? Quando e onde Getúlio Vargas deu cabo à própria vida, ao acionar no peito um gatilho que deixou estupefato o povo e enlutou o País todo? Quem construiu Brasília? Quando Jânio renunciou à Presidência e por quê? O que os militares fizeram após o golpe que derrubou Jango, em 1964? Qual o dia, mês e ano em que o homem pisou no solo lunar pela primeira vez? Quando foi decretado o Ato Institucional que desordenou o Brasil

É praxe universal: quem conta um conto, acrescenta um ponto. É próprio do ser humano. Seja nas artes, nos poemas, no que for; desde tempos imemoriais

e levou ao exílio Geraldo Vandré e outros brasileiros? Quem foi Vandré?

Ah! Você ainda não era nascido... Tudo bem.

Bom, tentemos de outro jeito: O que a sua avó costumava dizer quando você era criança? Ela era compreensiva, sábia, nunca ralhava com você e disso você gostava, certo? Do colo dela também, dos cafunés, das cocadas, bombons, brigadeiros, bolinhos doces e salgados, que fazia com esmero e carinho sem conta, lembra? Ah! Sei, você não a conheceu pessoalmente... Pena.

De novo, agora de forma particular: Qual foi o melhor dia da sua vida? Ai, ai, ai...

E esta: Qual foi o fato incrível que lhe contaram e que você jamais esqueceu? A queda das torres gêmeas, nos "Stêites", em setembro de 2001, pelos ditos fanáticos de

Bin Laden, ou a travessia do rio Amazonas a nado pelo esloveno Martin Strel em abril deste ano da graça de 2007?

Ou: Qual foi o fato, evento, festa, que você presenciou cuja lembrança a sua mente guarda de forma indelével até hoje?

Muito bem, você pode até dizer rebatendo, meio irritado: "Não lembro; e as respostas a essas perguntas podem ser encontradas nos livros, nos jornais, nas revistas, na internet..."

Certo, em parte concordo, pois notícia pública é notícia pública. Mas, calma. Esta que farei agora é mais fácil e levará você ao túnel do tempo. Duvida? Pois bem: Quais as histórias que a sua mãe contava para fazer você dormir nas noites compridas, de insônia? Elas não falavam, é certo, de Hitler, Getúlio, Juscelino, Jânio, de AI-5 e Vandré. E quando ela, a sua santa mãe, falava de lua, violência, guerra, falava de outra maneira, não era? Falava de Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, A Bela e a Fera, A Pequena Sereia, A Princesa e o Sapo, Branca de Neve e os Sete Anões e outras mais, nas quais desfilavam príncipes e princesas infernizados o tempo todo por bruxas verrugadas e vilões de todos os tipos, que nunca mediam esfor-

ços para dificultar cada vez mais fins alegres e felizes das histórias citadas. Ah! E havia também as histórias do Gato de Botas, Rapunzel, Pedro e o Lobo, João e o Pé de Feijão, Ali Babá e os Quarenta Ladrões, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa – que todo

mundo ainda hoje sabe "de cor e salteado".

E os acalantos, hein? Xô, Xô, Pavão; Boi da Cara Preta...

Quem não lembra da politicamente incorreta Atirei um Pau no Gato ou da bem-comportada Marcha Soldado, além de Ciranda, Cirandinha; Tutu Marambá; Samba Ielê; Fui ao Tororô; e O Cravo Brigou com a Rosa – esta, especialmente, de uma violência incomum, hein?

O cravo brigou com a rosa Debaixo de uma sacada O cravo saiu ferido A rosa despedaçada...

E A Barba do Bode, de origem ibérica? E A Dança da Carochinha, variante de Dança das tais Anquinhas, aqui aportada diretamente de Portugal?

Pois bem, não tem jeito. É praxe universal: quem conta um conto, acrescenta um ponto. É próprio do ser humano. Seja nas artes, nos poemas, no que for, desde tempos imemoriais. Tudo é adaptável; tudo continua sendo adaptável para cinema, teatro e quadras escolares.

Nova pergunta: O que é mais importante, a palavra falada ou a palavra escrita?

O educador piauiense, de Teresina, Wilson Sereni diz ter ouvido falar de três homens que se expuseram, se colocaram em xeque no dia a dia e nenhum deles, por incrível que pareça, nunca escreveu uma única linha, mas nem por isso foram esquecidos. "Eles são idolatrados por seguidores e estudiosos". E enumera: Sócrates, grande filósofo grego que, humilde, dizia saber de apenas uma coisa: de que nada sabia; Jesus Cristo, Rei dos Judeus, que morreu de braços abertos para nos salvar; e Zé Limeira, poeta popular destrambelhado, nascido nos confins da Paraíba e eternizado pelos



versos tortos que inventava de improviso ao som da viola. São dele, por exemplo:

*Jesus nasceu em Belém
Conseguiu sair dali
Passou por Tamataí
Por Guarabira também
Nessa viagem de trem
Foi parar num entroncamento
Não encontrando aposento
Dormiu na casa de um cabo
Jantou cuscuiz com quiabo
Diz o Novo Testamento.*

De Limeira, são também estes versos:

*Pedro Álvares Cabral
Inventor do telefone
Começou tocar trombone
Na volta de Zé Leal...*

Orlando Tejo, autor do estudo-documento *Zé Limeira, Poeta do Absurdo*, diz ter a impressão de que o poeta Limeira “deve ter sido um dos três homens livres que pisaram a Terra”.

concelho de mesmo nome, no distrito da Guarda do país de Camões, hoje com cerca de 11 mil habitantes e 29 freguesias.

Gonçalo Fernandes Trancoso viveu no século XVI e se notabilizou na sua terra e noutras plagas como contista, cronista, autor de dois livros apenas: *Regra Geral para Aprender a Tirar pola mão as festas mutáveis* – que não passava de simples “e curioso método empírico, destinado a (fazer) conhecer a data das festas religiosas móveis” à época, bastante “conhecido e utilizado pelos marinhheiros” de vários lugares – e *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo* – que tratava de temas banais da vida cotidiana, para gáudio dos leitores que se viram levados a conhecer a literatura italiana representada, entre outros, por Boccaccio (1313-1375), autor de *Decamerão*; Straparola (1480-1558), de *Noites Divertidas*; e Basile (1566-1632), que assinou *Pentamerão*.

Esses livros eram formados por histórias curtas.

Pode-se dizer que *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo*, entre nós, brasileiros,

passam por mudanças diversas no correr dos séculos. São readaptadas de acordo com a ética ou interesse de cada um, embora nasçam do nada e, do nada, como num passe de mágica, se multipliquem que nem os juros bancários de países como o Brasil.

“A casa da alma é a memória”, nos disse



certa vez Lygia Fagundes Telles, repetindo frase que guardou de seu companheiro de vida e arte, Paulo Emilio Sales Gomes – escritor, cineasta e fundador da Cinemateca de São Paulo, desaparecido em 1977, aos 61 anos de idade. A frase nos remete à seguinte questão: sobrevivendo o fim do mundo,

Os provérbios, máximas ou frases feitas também correm céleres na boca do povo e nos parachoques dos caminhões estradeiros. E, por serem anônimos, se inserem no contexto. Mais das vezes eles indicam realidades comuns a qualquer tempo, servindo de ensinamento: “Pobre só acha a vida doce quando está chupando pirulito”; “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”; “A bom entendedor, meia palavra basta”; “Em cavalo dado não se olham os dentes”; “A corda sempre arrebenta do lado mais fraco”; “A justiça tarda, mas não falha”; “Cada louco com sua mania”; “Cada macaco no seu galho”; “Cada um dá o que tem”; “Caiu na rede é peixe”; “Desgraça pouca é besteira”; “Devagar se vai ao longe”.

As histórias de brincar, do bem-viver infantil, estão sempre em todas as partes e línguas, de modo geral, colhidas por historiadores e intelectuais. Do erudito ao popular e vice-versa, através dos tempos.

Poetas como Zé Limeira, José Camelo de Melo Rezende (autor da história de folheto de cordel Pavão Misterioso) ou, antes, Leandro Gomes de Barros – que Carlos

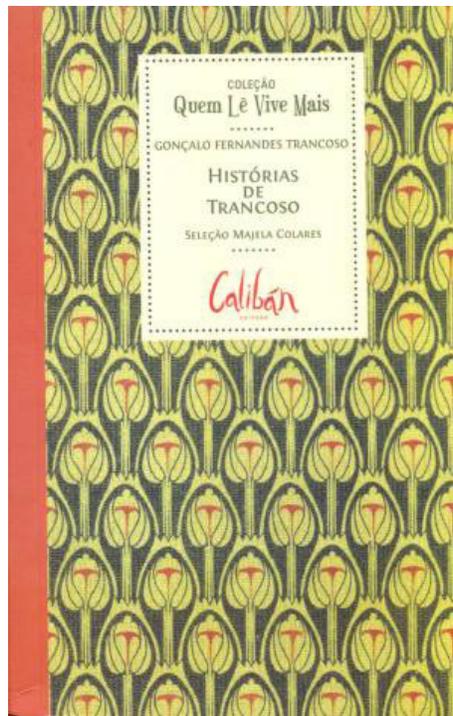
Drummond considerava “o maior de todos os tempos”; Silvino Pirauá e João Martins de Athayde, mais Patativa do Assaré, cordelista bissexto e repentista cedo aposentado, se eternizaram a partir de colheita no solo da criação popular anônima.

Patativa, que além de criar ouvia muito as histórias dos outros, escreveu sobre tudo e dos males da seca também para milhares e milhares de pessoas e para uma criança em especial, à qual nominou e dedicou o poema *A Morte de Nanã*, gravado por ele mesmo e Nonato Luiz Manasses e Cego Oliveira, no seu segundo e último LP, *A Terra e Naturá*, de 1981 (selo Epic; São Paulo). O poeta faria algo parecido com Mãe Preta, poema igualmente tocante, que narra a história de uma negra ama de leite – a quem tinha por mãe – e o seu lamento, por tempo sem fim, ao vê-la inerte no leito de morte.

Aí a importância das histórias de ouvir-dizer.

E de Trancoso quem não ouviu falar?

Trancoso é uma denominação devida – e justificada – ao sobrenome do ficcionista português Gonçalo Fernandes, nascido no



conhecido como *Contos de Trancoso*, foi uma espécie de tataravô dos atuais romances de folhetim eletrônico, de grande aceitação entre a população do mundo todo.

As histórias da carochinha, como as do Arco da Velha, têm a ver com Trancoso e sua mente fértil, sem dúvida. Diz-se comumente: “Isso é história de Trancoso”, quando uma história é mal contada; fantasiosa demais, que não tem fundo fixo, forte, e base real.

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm são referências luminosas da literatura infantil mundial – da mesma forma que Hans Christian Andersen, tido até os tempos de agora como o mais importante de todos. No Brasil, sobressaem Mello Moraes, Silvio Romero, Leonardo Mota e Amadeu Amaral, além de Luís da Câmara Cascudo – que nos legou quase duas centenas de livros com enfoques diversos no campo do folclore.

As histórias ouvidas de boca em boca passeiam pelas dobras do tempo e se eternizam na memória das gentes de todos os lugares e épocas, sem que se possa dizer com exatidão das suas origens e autoria, pois

*Depois do som, do canto, da fala,
da leitura, fica a lembrança. E
a lembrança, preciosidade que
não se pega com as mãos nem
se guarda em cofre, é o que refaz,
reforma, recompõe uma história*

este poderá ser reconstituído através das lembranças de eventuais sobreviventes? Sim, pelo menos foi o que respondeu Silvio Antônio Narciso de Figueiredo Caldas (1908-1998) – um dos mais resistentes intérpretes da música popular – à pergunta que lhe fiz certa vez sobre a importância da música como referência a fatos do cotidiano. Segundo ele, “tudo pode ser feito pela memória popular, a partir da música”.

Depois do som, do canto, da fala, da leitura, fica a lembrança. E a lembrança, preciosidade que não se pega com as mãos nem se guarda em cofre, é o que refaz, reforma, recompõe uma história, uma situação. Qualquer situação.

O que os olhos vêem, a mente não esquece. Idem o que os ouvidos ouvem.

O cordelista e estudioso da cultura popular Marco Haurélio¹ diz:

“No Brasil, à margem da cultura livresca, dos moldes forçosamente importados, dos salões engalanados, vicejou opulenta, portentosa, espantosa literatura oral, fazendo, muitas vezes, pela boca de uma única pessoa, se manifestarem civilizações há muito defuntas.”

E justifica:

“Pode-se argumentar que apenas um retalho ou, menos ainda, um fiapo das antigas tradições chega até nós. Mas não é pouco. Na contística popular do Nordeste, por exemplo, é possível se escutar uma história que, em linhas gerais, é a mesma que os povos estabelecidos à margem do Nilo, no Egito, repetem há mais de 3.000 anos. As nossas orações aos santos, ligeiramente modificadas, antanho devem ter acalmado a fúria e comprado o obséquio de muitos deuses de incontáveis panteões. Dessa literatura oral, a arte de um país que se pretende sério será sempre a maior tributária.”

E ainda ilustra com inéditos que recolheu na Bahia.

Composto pela velha Olímpia, por ocasião da passagem do grupo de Revoltosos (liderados por Prestes) em Igaporã, à época Bonito, em 1926, trechos do ABC que se seguem têm grande valor histórico. Muitas pessoas o sabiam de cor:

Ramiro por ser major
Foi c'um batalhão na frente
Com ele ainda ia
U'a meia dúzia de gente
Um lhe rendendo homenagem
Outros querendo ser valente
Estou apegada com Deus
Pra acabar com a demanda
Eu vou seguir adiante
Com uma trouxa de banda
Com uma perna esquecida
E a outra quase não anda.

Em linhas gerais, pode se dizer: não dá para viver sem ouvir, sem ver, sem guardar ditos, histórias, causas, cousas, ouvidos da boca do povo.

O que está escrito, está escrito. O que não está escrito é memória.

Não é à toa que se diz que a vida de cada pessoa dá um livro, um romance, por ser história de começo, meio e eternidade.

Respostas às perguntas contidas no primeiro parágrafo, pela ordem: O fim da Segunda Grande Guerra ocorreu em 2 de setembro de 1945, com a rendição do Japão. O presidente Vargas matou-se no dia

(a mulher Olímpia citada faz nos versos alusão a um defeito físico que trazia consigo).

As histórias da tradição oral ainda despertam nas crianças curiosidade e vontade pelo saber. Nesse ponto, os folhetos de cordel continuam a desempenhar bom papel na educação e no entretenimento. Um dia, ao telefonar a um amigo, ouvi do outro lado o pedido para ligar noutra hora, pois ele estava lendo um folheto de cordel para fazer o filho dormir.

As tradições são passadas de pais para filhos, do ontem para o hoje e sempre.

Quando o escritor Mario Vargas Llosa quis escrever A Guerra do Fim do Mundo, teve de sair à procura de alguém que lhe contasse histórias da guerra santa de Canudos. "E achou quem?", pergunta o cantor e compositor popular Nininho de Uauá, ao mesmo tempo em que responde orgulhoso: "O coronel Jerônimo Ribeiro, o



'véi' Jerônimo, de Uauá, minha terra, tem quase cem anos de idade".

O "véi" Jerônimo, como conta até hoje, repassou ao escritor peruano as histórias, nunca escritas, que ouviu dos antepassados, por isso mesmo de grande valia na elaboração e conclusão do romance, *best-seller*, que misturou o real com o imaginário e levou o massacre canudense a mais uma discussão internacional.

24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Brasília foi construída em três anos e dez meses, e inaugurada no dia 21 de abril de 1960. Jânio renunciou no dia 25 de agosto de 1961, movido por estranhas "forças ocultas, terríveis" – justificativa dele. Os militares implantaram ditadura. O homem chegou à Lua no dia 20 de julho de 1969, às 23h56m, um domingo. O Ato Institucional nº 5 (AI-5) entrou em vigor no dia 13 de dezembro de 1968. Vandrê, artista da música popular, compôs Pra não Dizer que não Falei de Flores, empatada com Sabiá, de Chico Buarque e Tom Jobim, no

III Festival Internacional da Canção. Pra não Dizer que não Falei de Flores foi alçada à categoria de canção libertária desde 29 de setembro de 1968.

¹ O fragmento do texto poético citado foi colhido – e ainda não publicado – por Marco Haurélio, cordelista dos bons e consultor da tradicional Editora Luzeiro, da Global e da Nova Alexandria

Referências:

TEJO, O. *Zé Limeira, o poeta do absurdo*. João Pessoa, Univ. Fed. da Paraíba, 2000. (Coleção Nordestina).

Você sabia?

Que o livro *Lua Estrela Baião, a História de um Rei*, também traz a marca IMB?



Que Oswaldinho do Acordeon e Papete são reforços do time IMB?

Que Jorge Mello, Marco Haurélio, Jorge Ribbas e Jorge Paulo vestem a camisa do time IMB?

Que Oswaldinho da Cuíca, Theo de Barros e as cantoras Celia e Celma também fazem parte do time IMB?

portal dos
Jornalistas

Perfis biográficos dos jornalistas brasileiros e o noticiário com o vaivém profissional



Prêmio
Jornalistas & Cia/HSBC
de Imprensa e Sustentabilidade

Inscreva seus trabalhos no
**Prêmio Jornalistas & Cia/HSBC
de Imprensa e Sustentabilidade!**

Ou prepare suas pautas e matérias.

As inscrições estão abertas no
www.premiojornalistasecia.com.br

Serão mais de R\$ 100 mil em prêmios e um importante *upgrade* no currículo!